

Do que você sente falta?

Crítica de *Peça de amar*

Por Renan Ji

No início de *Peça de amar*, o ator Mauricio Lima nos alerta que acontecerão apagões. Celulares devem estar desligados, para que a luz dos aparelhos não atrapalhe a escuridão – de um sentimento, talvez de uma memória, ou até mesmo da angústia. Será preciso aceitar os tempos nebulosos de indecisão e falta de rumo, marcados pela ausência de alguém que está longe. Um dos primeiros apagões é antecedido pela pergunta: Henfil, do que você sente falta?

A falta tem forte relação com o fato de que, desde 2016, enfrentamos aridez política e ameaças virais. Isso tudo deixou em muitos de nós a sensação de não pertencimento, de um choque diante da opressão de um outro: outros homens, outros vírus. Em outras palavras, o medo de perecer na mão e por decisão de homens extremistas e negacionistas. Em meio a tudo isso, amores e amizades vêm e vão, numa coreografia difícil de acertar, e principalmente de entender. É estranho entrar na vida das pessoas; mais ainda sair; e, talvez, o mais estranho acima de tudo seja ficar. É possível ficar?

Peça de amar nos traz o dilema de ficar ou sair. Permanecer num país dilacerado por suas contradições políticas; estar numa relação que já não existe mais. O casal Henfil e Georges apresenta soluções distintas para esse dilema: o primeiro enxerga futuros possíveis na migração para outro país; o segundo acredita no poder de transformação do aqui e agora. Isso inevitavelmente acarreta, como os próprios personagens dizem no auge da crise da relação, “uma falta de encaixe”: dois corpos que não se encaixam mais em suas visões de mundo e perspectivas sociorraciais. Com isso, percebo então que a peça de amar começa precisamente quando o amor (ou uma forma de amar) acaba.

Se o país está quebrado, e o amor também, o que fazer com os cacos? A dramaturgia de Henrique Fontes e Vinícius Arneiro busca entender as dificuldades do presente remontando a períodos obscuros da história brasileira. Henfil é o nome do personagem de Juracy de Oliveira, e é citado na peça que o nome lhe foi dado como homenagem ao famoso cartunista, notório opositor ao regime militar. A figura histórica de Henfil também é mencionada a partir do livro *Cartas da mãe*, que reúne cartas ficcionais de Henfil a Maria da Conceição Figueiredo Souza, sua mãe, publicadas na Revista Istoé. Nelas, o irmão de Betinho faz críticas veladas aos militares e, segundo se afirma na peça, a impressão é de que Maria da Conceição parecia ser um escudo contra a censura, protegendo o filho dos riscos da crítica política num estado de exceção.

A memória da ditadura militar ajuda em parte a entender os dilemas do presente, mas esse não parece ser o objetivo principal da peça. Trata-se antes de valorizar um outro tipo de ligação entre passado e presente, que se dá a partir da valorização das *Cartas da mãe* como uma luta política que se disfarça, se traveste e (por que não?) se potencializa no afeto e na intimidade. Como se diz na peça, escrever para a mãe e, sem ninguém perceber, colar

chicletes na cadeira de Geisel. As cartas de Henfil são uma forma peculiar, oblíqua e sobretudo afetiva, de resistir às intempéries políticas e ao exílio dos entes queridos.

A resistência política por meio do afeto, presente nas Cartas, é o que parece surgir como farol para pensar o tempo mais recente de *Peça de amar*. As *Cartas da mãe* são um ancestral distante das chamadas de vídeo. No Brasil pandêmico, as tecnologias de comunicação remota foram um meio de sobrevivência, uma forma de atravessar um dos capítulos mais conturbados da história brasileira. Nesse sentido, as conversas entre Georges e Henfil, entre Brasil e Espanha, são uma tentativa de sobreviver ao caos, de se conectar ao outro e à pátria, ou simplesmente uma maneira de refigurar uma relação amorosa que não existe mais. Por vias insuspeitas, digitais, as conexões se refazem, a brasilidade ressurge como valor agri-doce, e o amor se transforma em outra coisa indefinível e preciosa.

Retomo as perguntas anteriores. Do que você sente falta? É possível ficar (num país, numa relação)? Sim, mas nem sempre da maneira que esperamos. Nações, sociedades, amizades e o próprio amor se reconfiguram constantemente, para melhor e para pior, e nem sempre sabemos ao certo onde o melhor começa e o pior termina. Ainda no início da peça, na sequência em que os personagens contam como se conheceram, Henfil narra o momento decisivo em que eles firmam seu compromisso de estarem juntos. Georges revela que é uma pessoa que vive com HIV, e Henfil afirma que isso “não muda nada”. Porém, algo sempre muda (“do que você sente falta?”).

Mais ou menos na metade da peça, vivendo num Brasil à beira do colapso, o Georges de Maurício Lima escreve uma carta a um certo H. Presume-se que esse “H” deva ser o Henfil ficcional, mas por trás dele podemos vislumbrar o Henfil histórico, ou quem sabe até nós mesmos. Sendo aquele que viveu a angústia de ficar, é curioso observar como Georges diz que, apesar de tudo estar ruindo, ele acredita no movimento. “Só o movimento salva”. Entre o que nos oprime (aqui) e aquilo que se anuncia como possibilidade (acolá), é preciso confiar no movimento. Do que você sente falta?

A cenografia de *Peça de amar* conta com um televisor que projeta a captação de uma câmera posicionada em um dos cantos do palco. Em muitos momentos da encenação, observamos um ângulo diferente da cena frontal vista da plateia. Os olhos do espectador oscilam de um para outro. Olhos no aqui, olhos no acolá. Eis uma lição teatral sobre o ficar: corpo fixo, olhos em movimento. Ou talvez uma lição sobre ir: corpos em movimento, olhos fixos na preciosidade do tempo. Nesse sem rumo dos olhos, da política, da nação, do amor, do que você sente falta?

Renan Ji é crítico de teatro da Revista Questão de Crítica e professor de literatura brasileira da UFRJ.